

# ESPAÇO E VALOR BIOGRÁFICO NO PODCAST “PAPO MISSIONÁRIO”: O EPISÓDIO DE GLADYS AYLWARD<sup>1</sup>

Joice Viviane Silva<sup>2</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta desta comunicação é apresentar reflexões iniciais sobre a constituição do espaço e do valor biográfico, conceitos pensados pela especialista argentina em análise de discurso Leonor Arfuch, observando um episódio do *podcast* “Papo Missionário” de Liz Hermann, que apresenta a biografia da missionária protestante Gladys Aylward que atuou na China entre 1930 e 1970.

Liz Hermann se apresenta como missionária de carreira no modelo de autossustento e mantém, em seu *site* sobre missões, o *podcast* “Papo Missionário”, que soma 151 episódios publicados entre outubro de 2018 e abril de 2022, disponibilizados também em plataformas *streaming* de áudio. Da soma de episódios, cerca de doze deles são sobre biografias missionárias, entre eles, o de Gladys Aylward.

Considerando que o conceito de *valor biográfico* pensado por Arfuch compõe um ciclo: – personagem (herói ou pessoa comum) – narrador (biógrafo) – leitor –, e que as experiências vividas pelo personagem permitem o narrador e ao leitor se identificar, repensar e encontrar formas de expressar sua própria vida nesta escrita ou refletir como ele vê e compreende o mundo, intenciono analisar, através desse episódio do *podcast* apresentado por Liz Hermann, de que forma esse ciclo atinge sua eficiência e, conseqüentemente, é utilizado na mídia.

## 2 ESPAÇO E VALOR BIOGRÁFICO

Leonor Arfuch determina o espaço biográfico como “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativas [...]” (ARFUCH, 2010, p. 58) Para a compreensão

<sup>1</sup> Texto aprovado para apresentação no XVIII Simpósio Nacional da ABHR – Concrer 2022, no Simpósio Temático 11 – As múltiplas faces da relação entre Comunicação, Religiões e Identidades Culturais, que ocorreu no dia 17 de novembro de 2022.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. E-mail: [historiavi@yahoo.com.br](mailto:historiavi@yahoo.com.br)

desse horizonte de expectativa, Arfuch utiliza a definição da noção hermenêutica utilizada por Hans Jauss e outros membros da Escola de Constança, “alude, de maneira prioritária, mas não exclusiva, à experiência dos primeiros leitores de uma obra, tal como podem percebê-la ‘objetivamente’ na base da tradição estética, moral, social na qual aparece, comum ao autor e ao receptor.” (ARFUCH, 2010, 58-59).

Arfuch aponta que “A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou uma experiência de vida” (ARFUCH, 2010, p. 111), ainda segundo esta teórica, o espaço biográfico é múltiplo e variado, composto por inúmeras narrativas como:

[...] biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e melhor ainda, secretos -, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro autobiográfico, a chamada *reality apinting*, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias, velhas e novas variantes de *show* (*talk show*, *reality show*), a vídeopolítica [...] (ARFUCH, 2010, p. 58).

Essas são algumas formas de registro de vivência que possibilitam que essas experiências se tornem matéria-prima de pesquisas, às quais podemos recorrer para reconstruir o movimento de uma vida. A autora da citação acima, ainda coloca que é preciso pensar nas biografias na lógica que elas:

[...] adquirem seu sentido precisamente num espaço *temporização*, numa simultaneidade de ocorrências que por isso mesmo podem se transformar em sintomáticas e serem suscetíveis de articulação, ou seja, de uma leitura compreensiva no âmbito mais amplo de um clima de época (ARFUCH, 2010, p. 58).

Para Arfuch, a experiência biográfica é o que a gente recorda do que viveu e está ligado a um lugar e uma temporalidade - cronotopo. Ou seja, os personagens das biografias se constituem em um determinado espaço que é indissociável de tempo. Neste determinado tempo, o protagonista da biografia vivia experiências individuais e ao seu redor estavam acontecendo situações que podem ter influenciado ou não as suas ações. Podemos inferir que a biografia nos permite ter uma leitura mais ampla do que aconteceu em um determinado período através de relatos de vida.

Ainda segundo Arfuch, o biógrafo “para contar a vida de seu herói, realiza um processo de identificação e, conseqüentemente, de valoração”. A autora faz esta reflexão citando Bakhtin: “um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre a vida do

outro, mas também ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida.” (ARFUCH, 2010, p. 55)

Com base na citação de Bakhtin, Arfuch levanta hipótese de que esse é precisamente o valor biográfico:

[...] - heroico ou cotidiano, fundado no desejo de transcendência ou amor aos próximos – que impõe uma ordem à própria vida – a do narrador, a do leitor-, à vivência por si só fragmentária e caótica da identidade, o que constitui uma das maiores apostas do gênero e, conseqüentemente, do espaço biográfico (ARFUCH, 2010, p. 56).

Podemos entender que para Arfuch através do processo de escrita biográfica e da leitura de uma trajetória, é possível o indivíduo se identificar com o personagem e as experiências por ele vivida, assim como repensar sua própria trajetória e sua identidade. Deste modo, o valor biográfico pensado por ela seria um ciclo: a vida do biografado, o narrador e o leitor. As experiências vividas pelo personagem permitem o narrador e ao leitor se identificar, repensar e encontrar formas de expressar sua própria vida nesta escrita ou refletir como ele vê e compreende o mundo. Essa seria a constituição do valor biográfico: – personagem (herói ou pessoa comum) – narrador (biógrafo) – leitor –, que atinge sua eficiência ao completar o ciclo.

Para Arfuch há diferentes tipos de valor biográfico:

[...] um valor heroico, transcendente, que alimenta desejos de glória, de posteridade; outro cotidiano, baseado no amor, na compreensão, na imediaticidade; e ainda é perceptível um terceiro, como ‘aceitação positiva do fabulismo da vida’, ou seja, do caráter aberto, inacabado, cambiante, do processo vivencial, que resiste a ser fixado, determinado, por um argumento (ARFUCH, 2010, p. 70).

Podemos verificar ainda, que para Arfuch, o valor biográfico adquire maior intensidade nos gêneros classificados como tais, sendo possível concluir seu efeito de sentido observando o ordenamento das vidas no plano de recepção:

São laços identificatórios, catarses, cumplicidades, modelos de herói, ‘vidas exemplares’, a dinâmica mesma da interioridade e sua necessária expressão pública que estão em jogo nesse espaço peculiar onde o texto autobiográfico estabelece com seus destinatários/leitores uma relação de diferença: a vida como uma ordem, como um devir da experiência, apoiado na garantia de uma existência ‘real’ (ARFUCH, 2010, p. 71).

Na citação acima a autora fala especificamente do texto autobiográfico, mas podemos aplicar essa dinâmica de recepção aos demais estilos de textos biográficos onde o leitor pode se apoiar na leitura de uma trajetória de vida real escrita com base em documentos históricos e assumidos como verdadeiros. Deve-se considerar ainda, que “toda inscrição narrativa de uma ‘vida real’, remete a outro regime de verdade, a outro horizonte de expectativa” (ARFUCH, 2010, p. 73).

Em relação aos laços identificatórios, Arfuch reforça que “o traço básico de nossa identificação com alguém, que está em geral, oculto, não é de modo algum necessariamente glamouroso, também pode ser certa falha, debilidade, culpa do outro.” (ARFUCH, 2010, p. 78). Essa reconhecimento também ocorre como parte da operação realizada pelo biógrafo que partilha com o leitor seus entusiasmos e suas angústias (DOSSE, 2015, p. 9). Nesse sentido, “a biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe, por isso mesmo, comparar sua outra própria finitude à da personagem biografada” (DOSSE, 2015, p. 151).

### 3 O PODCAST NO ESPAÇO BIOGRÁFICO

As mídias digitais têm sido um espaço significativo de elaboração de narrativas de vida, considerando que o espaço biográfico compreende uma pluralidade composta por diferentes formas, o *podcast* pode ser considerado uma das novas modalidades que constitui esse espaço, carregando ainda, características proporcionadas pelas novas tecnologias digitais que possibilitam a transformação de receptores em emissores (CUNHA, 2016, p. 14). Nesse sentido, Raphael Silva e Thelma Alves, afirmam que o *podcast* “é uma mídia em notável expansão no contexto brasileiro” (SILVA; ALVES, 2022, p. 116).

Nas últimas décadas, temos acompanhado a consolidação das Tecnologias Digitais de Informação de Comunicação (TDIC) e a materialização da Cibercultura, “conceito utilizado para explicar as mudanças sociais surgidas a partir da relação entre os humanos e as TDIC, transformando drasticamente a forma como nos comunicamos e compartilhamos conhecimento” (SILVA; ALVES; 2022, p. 112).

Segundo Alves e Silva, foi nesse contexto de mudança digital que apareceu o *podcast* “surgido no início dos anos 2000, com recente popularização no Brasil. O *podcast* consiste em uma produção de áudio compartilhada na internet, favorecendo autoria com baixo investimento.” (SILVA; ALVES; 2022, p. 112). Não só as plataformas de comunicação se modernizaram, mas também os aparelhos pelos quais elas ocorrem. A portabilidade de

aparelhos eletrônicos permite o acesso móvel à internet e facilitam a interação das pessoas com os conteúdos disponibilizados online, principalmente devido as possibilidades de aproveitamento de tempo.

O *podcast* repete a performance do rádio, mas com diferenças no baixo investimento financeiro e a possibilidade de recepção assíncrona. As pessoas podem gravar um *podcast* em sua casa com um microfone e um aplicativo, e em seguida disponibilizar na *internet* em diferentes plataformas. Outra facilidade proporcionada por esta ferramenta é autonomia do ouvinte em poder selecionar qual e onde quer escutar o conteúdo disponibilizado, conforme assinala Eugênio Freire:

A miniaturização dos dispositivos de áudio, bem como a incorporação de funções de tocador de MP3 em outros aparatos associa a execução e gravação do *podcast* a diversos aparelhos, além de possibilitar ações e inúmeras situações e momentos do dia a dia. Esses fatores concedem ao *podcast* um teor produtivo facilitado [...] (FREIRE, 2017, p. 56).

Considerando as potencialidades do *podcast* como uma tecnologia relevante e uma modalidade dentro do espaço biográfico, é interessante observar de que forma o ciclo do valor biográfico pode se efetivar e conseqüentemente ser utilizado na mídia. Para compreender esse processo, será realizada a análise de um episódio do *podcast* “Papo Missionário” apresentado por Liz Hermann e disponibilizado em seu *site* sobre missões.

Para elaborar o episódio 105, chamado *Gladys Aylward: um exemplo de resiliência*, publicado em 28 de janeiro de 2021, Hermann afirma que utilizou dois livros sobre a vida da missionária inglesa como base. O primeiro livro é a autobiografia de Aylward, traduzida no Brasil com o título *Apenas uma pequena mulher*, e o segundo, a biografia traduzida no Brasil primeiro pela editora da Jocum e recentemente pela editora Shedd, chamada *Gladys Aylward: A aventura de uma vida*, essa biografia faz parte de uma coleção escrita por Geoff e Janet Benge, casal neozelandês que escreveu uma coleção nomeada Heróis Cristãos Ontem e Hoje.

No início do episódio, Liz Hermann já declara que será sobre sua missionária favorita, e indica Gladys Aylward como pouco conhecida no Brasil se comparada a Willian Carey, George Muller e Hudson Taylor, nomes que ela classifica como grandes pilares das missões modernas. Nesse sentido, ela declara imensa admiração por Aylward e afirma que considera a vida da inglesa fascinante.

Hermann chama atenção do seu ouvinte reforçando o amor que sente pela personagem, destacando que a considera como uma heroína, mas que a própria Aylward

evitou ao máximo esse reconhecimento quando alcançou a fama ainda em vida, no entanto, este seria mais um fator pela qual ela considera a religiosa ainda mais inspiradora.

Para transmitir ao ouvinte uma linearidade dos fatos da vida da personagem destacada, Liz Hermann menciona as origens familiares de Aylward, ressaltando seu nascimento na Inglaterra, em 1902, no seio de uma família de trabalhadores e logo enfoca a narrativa nas dificuldades que a personagem vivenciou a partir do momento que sentiu o chamado missionário.

Na primeira metade do século XX, era costume as pessoas que tinham intenção de ir para o campo das missões, procurarem organizações missionárias para se prepararem e receberem apoio espiritual e material posteriormente. Aos vinte e sete anos de idade, Gladys Aylward começou a se interessar pelo desenvolvimento de missões protestantes na China, e ingressou em uma escola preparatória de missões, no entanto, por não alcançar bons resultados acadêmicos foi dispensada. Desta forma, Gladys decidiu juntar recursos próprios, trabalhando como doméstica, para pagar sua viagem até a China.

O fato de Aylward trabalhar como empregada doméstica, e poder contar somente com escassa ajuda da família e alguns poucos amigos, para Hermann, é motivo da mais profunda admiração, pelo fato de a personagem não desanimar diante dos obstáculos. Destaca ainda, que esta deve ser a postura de um missionário que se propõe a compor as “linhas de frente” do trabalho missionário.

Depois que Gladys conseguiu o dinheiro para a ir até a China, outro momento de dificuldade foi a viagem, ela foi de trem através da Manchúria que estava em guerra, teve problemas com o passaporte sendo retido na Rússia quando a confundiram com uma operária de máquinas, e quando chegou na China foi para uma região de difícil acesso nas montanhas, em um vilarejo onde uma missionária escocesa que já estava no país há cinquenta anos, estava empreendendo uma missão.

Sobre a atuação de Gladys Aylward na China, Hermann destaca três episódios específicos: o primeiro destaque foi quando o mandarim da região incumbiu a missionária inglesa de inspecionar o fim da prática de enfaixar os pés das meninas chinesas, ato que causava deformação física, e aproveitando a responsabilidade de visitar os vilarejos vizinhos para verificar se a ordem do fim desta prática estava sendo obedecida, e desenfaixar os pés dos mais resistentes, a pregadora aproveitava para divulgar o cristianismo, o que resultou em formação de pequenos grupos cristãos.

Segundo momento destacado por Hermann, foi uma revolta ocorrida na prisão da região e Gladys foi chamada para apaziguar. Como ela teve sucesso na mediação do

conflito, ela recebeu a alcunha de Ai-weh-deh, que significa “Virtuosa”, e por esse nome passou a ser conhecida no campo missionário chinês. Posteriormente, ela se envolveu na reforma carcerária do lugar, fato que a narradora considera como impressionante.

Última experiência assinalada por Hermann foi a fuga de Gladys juntamente com seus filhos adotivos, um grupo de quase cem crianças que ela havia abrigado ao longo dos anos, pelas montanhas enfrentando dias de fome e frio. Aylward precisou fugir de Yangcheng, onde se estabelecera, pois os japoneses estavam bombardeando a região durante a Segunda Guerra Mundial. Hermann fala que a vida de Gladys parece “coisa de filme” e em seguida menciona a produção cinematográfica baseada na vida da missionária.

Hermann encerra destacando uma vez mais as dificuldades pelas quais Aylward passou e a dedicação que ela manteve em seu trabalho, assim como o fato dela ter alcançado a fama em vida, mesmo não sendo o que almejava, fator que para a *podcaster* é ainda mais louvável. A comunicadora recomenda para quem quer seguir a carreira, a leitura sobre a vida desses missionários para entender as dificuldades do campo de trabalho.

Para Hermann, a vida de Gladys coloca em perspectiva o compromisso e a responsabilidade que os missionários devem ter com suas empreitadas, e que é uma vida que “vale a pena” ser lida. A apresentadora encerra expondo sua expectativa baseada na ideia do que narrou sirva de incentivo para as pessoas lerem mais sobre a vida da missionária que ela considera um verdadeiro exemplo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o *podcast* como uma das novas formas que compõe o espaço biográfico, e possibilita experienciar a efetividade do ciclo que integra o valor biográfico, é possível observar que Liz Hermann em seu *podcast* “Papo Missionário” elabora reflexões e expõe através de uma plataforma digital online, como ela idealiza a experiência missionária através da vida de Gladys Aylward. Da mesma forma, indica um processo de valorização ao expressar intensa admiração pela personagem.

A partir da leitura da vida de Gladys Aylward, Hermann estabelece um referencial dentro do seu horizonte de expectativa através de dois elementos principais: a dificuldade, que para ela é inerente à vida missionária, e a resiliência, defendida como capacidade fundamental para quem deseja ir para o campo missionário, e justificativa de apreciação pela figura que chama de heroína.

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AYLWARD, Gladys; HUNTER, Christine. **Apenas uma pequena mulher**. Tradução: Wanda Assumpção. Editora Vida: Miami, 1987.

BENGE, Janet; BENGE, Geoff. **Aventura na China**: A história de Gladys Aylward. Trad. Clarisse Barreto de Souza. Almirante Tamandaré: Jocum Brasil, 2008.

CUNHA, Magali. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. ID22280, 2016. DOI: 10.15448/1980-3729.2016.2.22280. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22280>. Acesso em: out. 2022.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: Escrever uma Vida. 2. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. *Podcast*: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 55–71, 2017. DOI: 10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>. Acesso em: novembro. 2022.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 15, n. 37, p. 101–106, 2009. DOI: 10.15448/1980-3729.2008.37.4806. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806>. Acesso em: out. 2022.

PAPO MISSIONÁRIO: Gladys Aylward: um exemplo de resiliência. Locução de Liz Hermann. 28 de janeiro de 2021. *Podcast*. Duração: 24:19 minutos. Disponível em: <https://lizhermann.com/podcast/> Acesso: out. 2022.

SILVA, Raphael de França e; ALVES, Thelma Panerai. Possibilidades avaliativas e consciência histórica na produção de narrativas digitais em *podcasts*. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 20, n.3, p.1110-1136, jul./set. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/54430>. Acesso: nov. 2022.